



FNLIJ

Seção Brasileira do International Board on Books for Young People **iBby**

DESDE 1968

Notícias 9

SETEMBRO DE 2010

www.fnlij.org.br

O processo de Seleção Anual da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ desde seu início conta com o decisivo apoio das editoras de Literatura Infantil e Juvenil que enviam seus livros para a FNLIJ.

Desde meados dos anos 90, esse apoio das editoras se ampliou com o envio de um exemplar de cada título também para a casa de cada votante, o que facilitou significativamente o trabalho de leitura e análise dos livros.

A leitura crítica dos livros pelos votantes é uma colaboração inestimável à FNLIJ e à sociedade, já que não recebem nenhuma remuneração. Os votantes assinam um Termo de Compromisso com a Fundação, no qual se comprometem a não assessorar as editoras para a publicação de livros de literatura infantil e juvenil, bem como a informar o destino dos livros recebidos, que são carimbados com a citação da Seleção Anual da FNLIJ/ano. No **Notícias**, periodicamente, informamos para onde os votantes enviaram esses livros.

No atual grupo de votantes, há dois ligados a universidades que desenvolvem projetos de pesquisa e trabalhos sobre Literatura Infantil e Juvenil. São eles: CEALE – Grupo de Pesquisa LIJ – UFMG - Responsável: Maria Aparecida Paiva Soares dos Santos (MG) e PROALE – Programa de Alfabetização e Leitura – UFF - Responsável Cecília Maria Goulart (RJ). O acervo recebido por eles para a Seleção Anual da FNLIJ contribui para subsidiar pesquisas e outros trabalhos, como artigos que são publicados em jornais, revistas e livros, indicação de compra para o Governo e instituições, entre outros.

Também são votantes da FNLIJ: Alice Áurea Penteadó

Martha (PR), Celina Rondon (RJ), Elizabeth D'Angelo Serra (RJ), Gláucia Maria Mollo (SP), Isabel Maria de Carvalho Vieira (DF), Isis Valéria Gomes (SP), Iraídes Maria Pereira Coelho (RJ), João Luís Cardoso Tápias Ceccantini (SP), Laura Sandroni (RJ), Marisa Borba (RJ), Maria das Graças M. Castro (GO), Maria Neila Geaquinto (ES), Maria Tereza Bom-Fim Pereira (MA), Maria Teresa G. Pereira (RJ), Neide Medeiros Santos (PA), Regina Zilberman (RS), Rosa Maria Cuba Riche (RJ), Rosa Maria Ferreira Lima (MA), Sueli de Souza Cagneti (SC), Tânia Piacentini (SC), Vera Lucia dos Santos Varella (RJ) e Vera Teixeira de Aguiar (RS).

Aproveitamos para mais uma vez agradecer o importante trabalho de todas essas pessoas, e também daquelas que já fizeram parte desse grupo privilegiado pelo recebimento de acervos tão preciosos, bem como agradecer às editoras de LIJ que nos fornecem o instrumento base de nosso trabalho – os livros.

É, pois, com satisfação que a FNLIJ reservou o **Notícias 9** para publicar o artigo *Vigor e diversidade: a literatura infantil e juvenil no Brasil em 2008*, uma análise criteriosa sobre a produção de 2008, feita pelo professor João Luís Ceccantini, a partir do acervo por ele recebido como votante da FNLIJ, conforme citado em seu artigo.

A Fundação sente-se duplamente recompensada com a participação de Ceccantini na Seleção Anual, pois além da contribuição para o Prêmio FNLIJ, ele levou para o exterior a sua reflexão sobre a produção brasileira de LIJ, tomando por base os livros recebidos, por meio de um artigo publicado no *Anuário sobre el libro infantil y juvenil*, Ediciones SM, Madrid, 2009, que chega agora ao público brasileiro, no **Notícias/FNLIJ**.

JOÃO LUÍS CECCANTINI é professor de Literatura Brasileira da UNESP – Câmpus de Assis. Foi coordenador do Grupo de Trabalho *Leitura e Literatura Infantil e Juvenil* da ANPOLL – Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística, de 2006 a 2010, e coordena atualmente o Grupo de Pesquisa CNPq *Leitura e Literatura na Escola*. É integrante da *Red Temática de Investigación Literaturas Infantiles y Juveniles en el Marco Ibérico*, coordenada pela professora Blanca-Ana Roig Rechou, da Universidade de Santiago de Compostela, Espanha, e é também votante da FNLIJ.



Vigor e diversidade: a literatura infantil e juvenil no Brasil em 2008¹

João Luís Ceccantini

Da margem ao centro

Um aspecto emblemático do peso da literatura infantil e juvenil no contexto da produção editorial brasileira da atualidade foi, sem dúvida, a premiação de *O menino que vendia palavras*², texto de Ignácio de Loyola Brandão, com o “Prêmio Jabuti 2008”, na categoria “Livro do Ano (Ficção)”, na 50ª edição do mais tradicional prêmio literário do país e certamente um dos mais importantes. A obra, uma narrativa curta associada a um projeto gráfico-editorial típico da literatura para crianças, com ilustrações de Mariana Newlands, assumiu o papel de azarão e deixou para trás favoritos da vetusta “literatura adulta”, em particular um romance que havia sido contemplado com os principais prêmios literários do ano³.

Uma premiação desse porte a um livro infantil constituiu fato inusitado, dificilmente imaginável há alguns poucos anos. Isso, não porque não houvesse antes dessa obra tantas outras de excelente qualidade, também capazes de fazer jus a um prêmio como esse, ou porque *O menino que vendia palavras* não possuía méritos. Ao contrário, trata-se, efetivamente, de um belo texto, que explora de maneira bem-humorada as relações pai/filho, numa clave metalingüística, escancarando-se o amor todo especial que as personagens (e o escritor...) nutrem pela língua portuguesa. A questão é que, por um longo tempo, o gênero infanto-juvenil foi estigmatizado entre nós, considerado marginal, havendo muita relutância para legitimá-lo. E esse Jabuti pode ser percebido como um índice expressivo de que a situação de fato mudou, tendo ficado para trás a época em que quase só se fazia associar a literatura infantil à surrada imagem de “patinho feio”, sempre sendo considerada numa posição marginal.

A premiação em questão põe em evidência que há hoje um reconhecimento muito mais generalizado de que, para além de constituir um fenômeno graúdo de mer-

cado, responsável por um percentual dos mais significativos no todo das vendas do universo editorial⁴, a literatura infantil e juvenil no país é coisa de “gente grande”, possui autonomia, se espraia em um número elevado de títulos da mais variada natureza, havendo entre esses títulos obras de muito bom nível. Cada vez mais, são quebradas as fronteiras rígidas entre a boa literatura para crianças e jovens e a literatura para adultos, como nos demonstram os especialistas ao analisar a produção nacional, ao conceder prêmios específicos do gênero (ou não) ou ao selecionar obras para compras governamentais. Têm sabido, de forma astuta, conciliar a percepção da especificidade própria do infantil ou do juvenil com a visada mais larga que pode alcançar certa produção de excelência, capaz de transitar livremente entre faixas etárias, níveis de escolaridade e grupos sociais.

Ainda que a vôo de pássaro, e, portanto, dentro das limitações inerentes ao espaço que permite um artigo, pretende-se apresentar aqui precisamente uma visão geral do conjunto das obras que deram corpo aos subsistemas literários infantil e juvenil no Brasil de 2008, considerando-a como uma espécie de metonímia do vigor que desfruta hoje o setor no país. Busca-se enfatizar esse caráter plural das obras que aqui foram produzidas e/ou circularam, constituindo um todo bastante dinâmico, em que imperou uma grande diversidade no que diz respeito a projetos literários, visões de mundo, gêneros, temas, estilos, linguagem, materialidade, tudo alimentando um mercado aquecido e em sintonia com diretrizes e programas governamentais de estímulo à leitura em diferentes esferas.

Para formar leitores

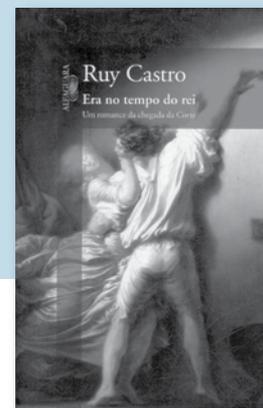
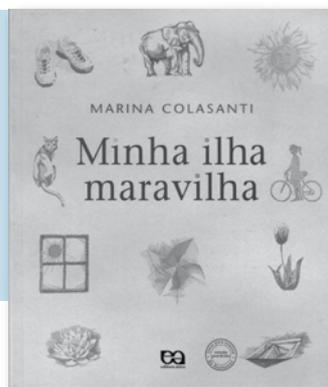
Não se pode ignorar que o vigor demonstrado pela literatura infantil e juvenil que circulou no país ao longo do ano insere-se num contexto de políticas governamentais de *fomento à leitura*⁵ que se têm intensificado, visando à superação de um estado de coisas bastante negativo no que concerne à *leitura* no Brasil, o que acaba por alavancar de maneira significativa a produção no setor. Têm sido demasiadamente eloqüentes os maus resultados obtidos pelo país em sucessivas pesquisas sobre a *leitura*. Apesar de todas as iniciativas que se têm materializado, ao menos desde o advento da Repú-

blica, não temos, até os dias de hoje, chegado a bom termo no enfrentamento da questão do *letramento* em nível nacional. Trata-se, sem dúvida, de uma crônica incapacidade de garantir a todas as faixas da população o pleno acesso à cultura letrada e, conseqüentemente, à cidadania, com as mais nefastas conseqüências daí advindas e com repercussão em diferentes níveis – econômico, cultural, político, entre outros.

O fato de, recentemente, o Brasil ter se integrado a um conjunto de países submetidos a uma avaliação padronizada no que toca à sua capacidade de formar leitores competentes – o PISA (Programme for International Student Assessment), desenvolvido pela OCDE – Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico – só fez pôr em máxima evidência o impasse a que chegamos, descrito, explicado e denunciado já há muitos anos por intelectuais de diversos campos do conhecimento e tornado brutalmente explícito pelo fato de o Brasil ter obtido péssimas classificações, nos últimos anos, no ranking de países que participam do PISA.

Desde então, esse problema candente tem sido inserido nas mais diversas agendas da nação, procurando-se contribuições e estratégias de toda ordem – das mais teóricas às mais práticas – que possam auxiliar a superar o deplorável estado de coisas associado à questão da *leitura* no país. Dentre os muitos aspectos abordados, tem sido sublinhado o papel substantivo que pode desempenhar o *texto literário* na formação do leitor, em particular por seu caráter profundamente emancipador, atuando sobre o sujeito segundo diferentes funções – *psicológica, formadora e de conhecimento do mundo*⁶.

Assim, podem ser lembrados programas governamentais que em 2008 tiveram forte incremento, com implicações positivas para o mercado de livros infantis e juvenis, seja a curto, médio ou longo prazo, valorizando particularmente o *letramento literário*. É o caso do Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE, existente desde 1997, que foi responsável, um ano mais, por grandes compras de livros pelo governo, prioritariamente de obras literárias⁷. Também o Plano Nacional do Livro e da Leitura – PNLL, tem sido responsável por importante incentivo ao setor, promovendo concursos para divulgação e premia-



ção de projetos e ações voltadas à leitura no país, estabelecendo metas importantes a serem atingidas – como o aumento dos índices de leitura e de impressão de livros em todo o território nacional – e buscando garantir a criação de bibliotecas públicas em todos os municípios brasileiros. Isso, para citar aqui apenas dois dos programas de maior impacto, neste caso implementados em nível nacional.

De prêmios e eventos

Se o “Prêmio Jabuti de Melhor Livro do Ano (Ficção)” concedido a um livro infantil serviu de mote para destacar a força da literatura infantil e juvenil brasileira em nossos dias, não se pode deixar, entretanto, de lembrar outros prêmios importantes concedidos a autores brasileiros no âmbito da produção para crianças e jovens, que têm colaborado para a legitimação e difusão do gênero. É o caso, por exemplo, dos prêmios concedidos pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ, seção brasileira do International Board on Books for Young People – IBBY.

Em 2008, a FNLIJ concedeu o “Prêmio Ofélia Fontes – O Melhor Livro para a Criança” à obra *O jogo de amarelinha*⁸, de Graziela Bozano Hetzel, narrativa sensível sobre uma menina às voltas com a dor e a tristeza causadas pela morte da mãe e as dificuldades de aceitação da figura da madrasta. O “Prêmio Odylo Costa Filho – O Melhor Livro de Poesia” foi concedido a obras de escritores veteranos da literatura brasileira e largamente conhecidos – Manoel de Barros (1916) e Marina Colasanti (1937). Esta recebeu o prêmio, na categoria “Hors Concours”, pelo lançamento de *Minha ilha maravilhosa*⁹; quanto ao poeta matogrossense, teve premiado seu *Poeminha em língua de brincar*¹⁰.

Dentre as 17 categorias premiadas pela

FNLIJ anualmente, merece ainda menção especial o “Prêmio Orígenes Lessa – O Melhor para o Jovem”, que, integrando esse movimento de quebra de barreiras entre gêneros, realizou operação no sentido contrário ao do Jabuti: houve a premiação de uma obra lançada por um escritor usualmente associado apenas ao universo da literatura adulta, sobretudo como autor de biografias – Ruy Castro. O autor publicou um vibrante romance protagonizado por dois jovens, *Era no tempo do rei*: um romance da chegada da corte¹¹, aproximando-se totalmente do que se tem convencionalmente chamado de literatura juvenil. Num empolgante “achado literário”, os dois jovens que vivem diversas peripécias são ninguém menos do que D. Pedro I, aos 12 anos de idade, e Leonardo, personagem tomada de empréstimo ao clássico *Memórias de um Sargento de Milícias* (1854) de Manuel Antonio de Almeida (1831-1861), numa engenhosa e divertida fusão de História e ficção.

Outro momento marcante no quadro das premiações de 2008 foi a concessão do IV “Prêmio Ibero-Americano SM de Literatura”, promovido pela Fundação SM, ao escritor Bartolomeu Campos de Queirós (1944). Foi essa a primeira vez que um escritor lusófono recebeu o prêmio, concedido por unanimidade por um júri convicto de que o escritor possui “uma visão profunda do que é a infância e defende que o mundo das crianças é feito de fantasia”¹². O prêmio é particularmente importante para um escritor nacional, na medida em que não se resume ao reconhecimento internacional e a uma dada soma em dinheiro, mas significa o direito de ter todas as suas obras traduzidas e publicadas nos países ibero-americanos, abrindo-se portas para que seja lido por um público muito mais amplo do que vinha sendo o

seu até agora. Para os que ainda não conhecem o escritor, vale a pena reproduzir um fragmento do texto elaborado por Marisa Lajolo para apresentar à imprensa mexicana o autor que disputou o prêmio com 22 outros escritores ibero-americanos:

Bartolomeu Campos de Queirós – Bartô como tão carinhosamente é chamado pelos amigos – nasceu há sessenta e quatro anos, numa cidadezinha de Minas Gerais: cidadezinha qualquer, sem mar e sem praias, porém com um mar de montanhas a seu redor. Hoje, Bartô vive em Belo Horizonte.

Sua estréia na literatura deu-se em 1974, com a obra *O peixe e o pássaro*. Já este seu primeiro livro ganhou de imediato um dos mais importantes prêmios brasileiros para livros infantis: o *Selo de Ouro* outorgado pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, a seção brasileira do IBBY. Este seu livro já fala dos espaços largos, da beleza da vida do miúdo e do cotidiano de que continua, até hoje, a ocupar-se sua literatura.

(...)

Alguns títulos dos livros de Bartolomeu já assinalam o caráter exigente, profundamente plástico e sensorial de toda sua obra: *Entretantos*, *Antes do depois*, *Até passarinho passa*, *Para ler em silêncio*, *Rosa dos ventos*. Outros títulos sublinham a intensa musicalidade de sua literatura. Fruto de exigente trabalho com a linguagem, muitas vezes a obra de Bartolomeu se aproxima dos ritmos da poesia: trocadilhos e repetições envolvem os leitores: *De Não em Não*, *O guarda-chuva do guarda*, *Formiga amiga*, *Pé de sapo e sapato de pato*.

Há mais ou menos dez anos, quando a literatura infantil começou a fazer-se presente na universidade brasileira, a obra de Bartolomeu inspirou não poucos mestrandos e doutorados. Investigando na produção do escritor mineiro temas como *o lúdico*, *o misterioso*, *o maravilhoso*, ou *o sentido*

do sagrado, os trabalhos universitários testemunham a altíssima qualidade da literatura de Bartô, qualidade que este IV Premio Interamericano SM acaba de ratificar.

Em uma tradição tão rica como a em que se inscreve a literatura infantil brasileira – temos duas escritoras premiadas com o Hans Christian Andersen – o prêmio agora atribuído a Bartolomeu tem uma imensa importância: sublinha, por um lado, a identidade latino-americana da cultura brasileira: como um dos poucos países de *nuestra América* nos quais o espanhol não é a língua oficial, algumas vezes a *ultima flor do Lácio* que nos exprime nos separa de nossos irmãos de continente.

Por outro lado, o reconhecimento de nossa ibero-americanidade – proclamada e firmada pelo prestigioso prêmio que ora se confere ao autor de *Sete Luas* e de *Ciganos* – é uma importante porta para que todos os autores ibero-americanos, e com eles os leitores, viajem do português para o espanhol e vice-versa e assim a literatura contribua cada vez mais para a percepção da beleza das identidades mestiças e em trânsito, como são todas as identidades ibero-americanas.¹³

No que tange a prêmios concedidos a obras já publicadas, merece menção ainda a concessão do Jabuti às categorias “Melhor Livro Juvenil” e “Melhor Livro Infantil”. Este, curiosamente, também foi concedido neste ano a Bartolomeu Campos de Queirós, pelo lançamento da obra *Sei por ouvir dizer*¹⁴. Nessa narrativa o leitor é apresentado a uma intrigante personagem feminina que, por ter três nascimentos, tem três possibilidades de vida num cotidiano onírico e insólito, onde tudo pode acontecer, sendo relativizadas as coordenadas temporais e espaciais.

O prêmio Jabuti na categoria “O Melhor Livro Juvenil” coube a Joel Rufino dos Santos (1941) por *O barbeiro e o judeu da prestação contra o sargento da motocicleta*¹⁵, uma narrativa ambientada num morro do

Rio de Janeiro, à época do final da Segunda Guerra Mundial. Por meio de três personagens pitorescas, um barbeiro trotsquista, um judeu vendedor ambulante e um sargento do Governo Vargas, o escritor problematiza, num texto bem-humorado e jocoso, questões sérias como o nazismo, a ditadura e a intolerância religiosa.

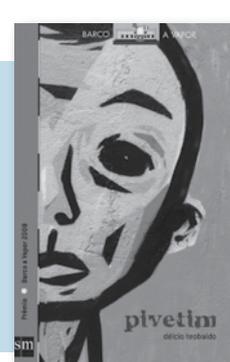
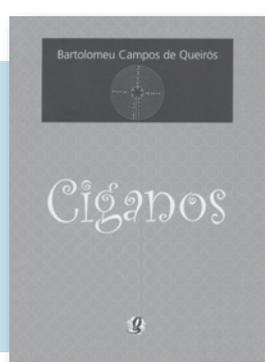
Deve-se chamar a atenção para o fato de que, no ano de 2008, a Associação Paulista de Críticos de Arte – APCA, que há diversas décadas vinha concedendo prêmios relevantes na categoria de *literatura infantil e juvenil* não o fez, assim como também isso não se deu no ano de 2007.

No caso de prêmios concedidos a textos literários inéditos, merecem ser lembrados o “Prêmio João de Barro”, tradicional prêmio promovido pela Prefeitura Municipal de Belo Horizonte (MG) já desde o início da década de 70, e o “Prêmio Barco a Vapor”, recentemente criado no Brasil pela Fundação SM, estando em 2008 na sua IV edição. O “Prêmio João de Barro”, que tem por peculiaridade uma dupla premiação, correspondente a um júri adulto e a um júri composto de jovens leitores, foi concedido à escritora carioca Stella Maris Rezende por *A moça do Mercado Central* (júri adulto) e ao mineiro Warley Matias de Souza por *Tô ligado* (júri juvenil). O “Prêmio Barco a Vapor” foi concedido ao mineiro Délcio Teobaldo, professor, escritor e jornalista, pela obra *Pivetim*, um pungente relato sobre o duro cotidiano dos meninos de rua.

No que diz respeito à realização de eventos no campo da literatura infantil e juvenil no Brasil, durante o ano de 2008, o mais importante a destacar é que hoje congressos, seminários e colóquios sobre o assunto não se limitam mais ao Sudeste, como há alguns anos, mas se realizam eventos importantes do Norte ao Sul do país, mobilizando um contingente considerável de pesquisadores, professores, bibliotecários, estudantes e interessados no tema de um

modo geral, o que contribui para um desenvolvimento descentralizado do setor e um amadurecimento amplo da literatura para crianças e jovens em todo o país.

Podem ser lembrados aqui alguns eventos que foram marcantes em 2008: o I salão do Livro Infantil e Juvenil de Goiás, promovido pela Companhia de Eventos, com o apoio da Secretaria de Estado da Educação do Governo de Goiás e a Associação de Leitura do Brasil – ALB, realizado de 2 a 6 de abril, em Goiânia (GO); o II Encontro Nacional de Leitura e Literatura Infanto-Juvenil da UESB, promovido pela Universidade Estadual do Sul da Bahia, realizado de 1.º a 4 de maio, em Jequié (BA); o Seminário Nacional de Literatura Infantil e Juvenil “Para Onde os Ventos Sopram?”, realizado durante a 23ª Feira do Livro de Bento Gonçalves, dias 8 e 9 de maio, em Bento Gonçalves (RS); o III Seminário de Literatura Infantil e Juvenil de Santa Catarina, promovido pela Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL, realizado dias 8 e 9 de maio, em Florianópolis (SC); o 10º Salão FNLIJ do Livro para Criança e Jovens, promovido pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ, realizado de 21 de maio a 1º de junho, no Rio de Janeiro (RJ); paralelamente a esse evento foi realizado de 26 a 28 de maio, na Cinemateca do Museu de Arte Moderna – MAM, também no Rio de Janeiro, o 10.º Seminário FNLIJ de Literatura Infantil e Juvenil; o II Encontro Nacional sobre Literatura Infantil e Juvenil e Ensino, promovido pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, realizado de 21 a 23 de maio, em Campina Grande (PB); o I Congresso Internacional de Leitura e Literatura Infantil e Juvenil, promovido pela PUCRS, realizado de 11 a 13 de junho, em Porto Alegre (RS); as Jornadas Lobatianas, promovidas pela Cátedra UNESCO de Leitura PUC-Rio, realizadas dias 21 e 22 de outubro, no Rio de Janeiro (RJ).



Uma literatura em três temas

Se buscarmos algumas tendências gerais no vasto conjunto de publicações para crianças e jovens em 2008¹⁶, de imediato sobressaem três temas que estiveram em grande evidência no país não apenas no âmbito da literatura infantil e juvenil, mas na agenda cultural brasileira como um todo, gerando a produção de inúmeros produtos culturais, largamente divulgados pela mídia ao longo de todo o ano. São eles *o centenário da morte de Machado de Assis, os duzentos anos da chegada da Corte portuguesa e os cem anos da imigração japonesa*.

Sobre Machado de Assis (1839/1908), talvez o maior escritor brasileiro, foram lançados diversos títulos teóricos ou informativos, sendo que em muitos deles houve a preocupação em produzir obras não apenas destinadas ao público acadêmico, ao qual usualmente se dirige esse tipo de trabalho, mas aos leitores de um modo geral e, em particular, aos jovens, com edições bastante esmeradas do ponto de vista visual, leves na linguagem empregada e, muitas vezes, reproduzindo diversos textos de Machado na íntegra ou em fragmentos alentados, tudo no afã de ganhar leitores para o Bruxo do Cosme Velho.

Ora elaboradas por especialistas em Machado, ora por escritores bem conhecidos do público juvenil, algumas dessas obras se destacam no farto conjunto de lançamentos. É o caso, por exemplo, de *O fotógrafo do invisível: o escritor, sua vida e sua época em crônicas e imagens*¹⁷, de Vladimir Sacchetta e Hélio Guimarães, obra de projeto gráfico-editorial de ótima qualidade, resgatando preciosa iconografia associada ao universo machadiano (paisagem urbana, retratos, jornais e revistas, caricaturas etc.) ao lado de textos comentados do autor. O título integra uma coleção recente da Editora Moderna, *Imagem & texto* que vem

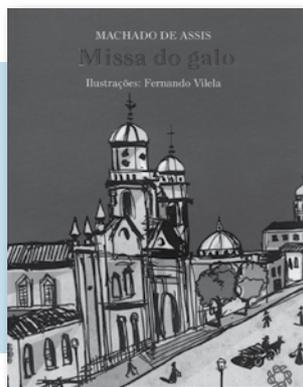
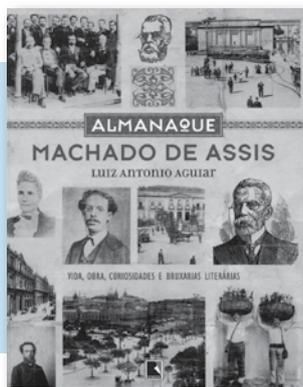
produzindo títulos excelentes sobre grandes escritores brasileiros, tais como Monteiro Lobato e Cecília Meireles. Outra obra que chama a atenção pela abordagem de aspectos visuais, no caso, a geografia referida em diversas narrativas machadianas, é *Machado de Assis: o Rio de Janeiro de seus personagens*¹⁸, que reproduz acurada seleção de quadros do século XIX e início do século XX, ainda que em pequena escala.

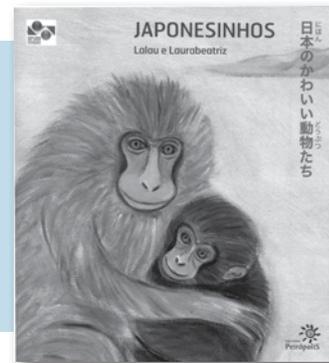
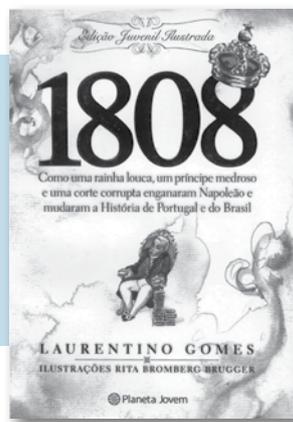
Há outras obras informativas em que, embora a ênfase se concentre no texto verbal, há a clara preocupação de apresentar ao (jovem) leitor um projeto gráfico-editorial arejado, em que diversas ilustrações integram o livro. É o caso de *Almanaque Machado de Assis: vida, obra, curiosidades e bruxarias literárias*¹⁹, de Luiz Antonio Aguiar, escritor de literatura juvenil que nesse ano de centenário da morte de Machado foi autor ou organizador de muitas obras sobre o escritor. *Quem é Capitu?* – Contos, crônicas e ensaios sobre a personagem mais enigmática da literatura²⁰, obra organizada por Alberto Schprejer, também envereda por essa busca de abordagens originais da literatura machadiana e maior comunicabilidade com o público leitor. Assim, além de inserir ilustrações retiradas do caderno de anotações do diretor de TV (e de cinema) Luiz Fernando Carvalho sobre a as gravações da minissérie *Capitu*, mescla textos ensaísticos e ficcionais sobre Machado de personalidades tão variadas como Luis Fernando Veríssimo, Millôr Fernandes, Fernanda Montenegro, Lygia Fagundes Telles ou Silviano Santiago.

Um filão igualmente explorado nos lançamentos editoriais ligados a Machado foi o do intertexto de narrativas de autores contemporâneos com textos clássicos do escritor. É o que se dá em *Machado de Assis – contos e recontos*²¹, em que autores como Lino de Albergaria, Luís Dill ou Isabel Vieira apresentam narrativas curtas de sua autoria que são releituras de famosos

contos machadianos como “A cartomante”, “Pai contra mãe” ou “Um Apólogo”, acrescidos de um pequeno depoimento sobre o conto escolhido²². Também narrativas mais longas (novelas?) procuram estabelecer um rico intertexto com a literatura machadiana, neste caso, também com famosos romances do escritor, tais como *Dom Casmurro*, *Memórias póstumas de Brás Cubas* ou *Esau e Jacó*. É o caso de *O tempo que se perde*²³, de Luiz Antonio Aguiar, uma obra que se insere numa coleção da Editora Ática assumidamente utilitária – Coleção “Descobrimos os Clássicos/ Uma leitura de *Esau e Jacó* e *Memorial de Aires*”, de Machado de Assis –, enfatizando um traço marcante de boa parte da literatura juvenil contemporânea, a tematização da própria *literatura* e da *leitura* de um modo geral. Outra narrativa juvenil que estabelece um diálogo com a ficção machadiana, neste caso numa clave lúdica e fantástica, alcançando uma tocante solução literária, é *O menino e o bruxo*²⁴, de Moacyr Scliar, que propicia ao leitor o contato com uma intrigante representação da obscura adolescência de Machado de Assis.

É preciso lembrar ainda que o centenário da morte de Machado também motivou o lançamento de muitas edições da própria ficção machadiana, reapresentada ao jovem leitor contemporâneo em publicações de projeto gráfico requintado, bastante ilustradas, geralmente por artistas de renome no universo da literatura infantil e juvenil, com texto em letras grandes e páginas de mancha arejada, sendo que, por vezes, um único conto configura um livro inteiro. É o caso da Coleção Machado de Assis da Editora Escala Educacional, que delegou ao premiado Fernando Vilela a ilustração de quatro “livros-conto”: *Missa do Galo*, *Um apólogo*, *O espelho* e *Conto de Escola*²⁵, num resultado de conjunto muito bom. O mesmo se dá com *Umás férias*²⁶, ilustrado por Odilon Moraes. Há igualmente coletâneas





de contos e crônicas bastante instigantes: *O espelho e outros contos machadianos*²⁷, organizada por Ivan Marques e ilustrada por Ângelo Abu; *O mínimo e o escondido*²⁸: crônicas de Machado de Assis, com organização e comentários de Luiz Antonio Aguiar; e *Contos de amor e ciúme*²⁹, organizada por Gustavo Bernardo e ilustrada por Pojucan de Natal Teixeira Pinto. E há até mesmo contos de Machado vertidos para a linguagem dos quadrinhos: *A cartomante*³⁰, com desenhos de Flavio Pessoa e adaptação de Mauricio O. Dias; e *O alienista*³¹, com desenhos de Cesar Lobo e roteiro de Luiz Antonio Aguiar.

Os duzentos anos da chegada da Família Real ao Brasil originaram – ainda que em temperatura mais branda que a febre machadiana de publicações – também muitos lançamentos voltados ao público juvenil e mesmo ao infantil. Alguns títulos foram lançados já no final de 2007, se bem que circulando efetivamente no ano seguinte. Formam, com os títulos lançados em 2008, um conjunto de boa qualidade que tem por carros-chefe, certamente, *Era no tempo do rei*: um romance da chegada da corte, de Ruy Castro, comentado anteriormente a propósito do prêmio “Melhor Livro Juvenil” concedido pela FNLIJ, e *Ludi na chegada e no bota-fora da Família Real*^{B2}, de Luciana Sandroni. Esta obra, que retoma as personagens da Família Manso já utilizadas pela escritora em obras anteriores, envereda pela trilha lobatiana em que poucos autores da literatura infantil conseguem se dar bem – a do livro que mescla propósitos didáticos e ficção. Ao assumir e mesmo tematizar essa dimensão utilitária, a obra alcança um bom resultado literário, lançando mão da idéia tão cara a Lobato de que para aprender História, o melhor mesmo é presenciar os grandes aconteci-

mentos históricos no calor da hora. É aí que entra em cena o recurso ao elemento fantástico, permitindo que a menina Ludi e sua família vivam situações divertidas e emocionantes, transitando livremente no tempo e no espaço.

Ainda no campo da ficção histórica, alguns outros títulos podem ser lembrados: *Foi quando a Família Real chegou*³³, de Lúcia Fidalgo, e *1808 – A viagem da Família Real*^{B4}, de Gilson Barreto, narrativas curtas, voltadas aos leitores iniciantes; *A corte chegou – o Rio de Janeiro se transforma*³⁵, de Cândida Vilares e Vera Vilhena, e *Um vampiro apaixonado na Corte de D. João*³⁶, de Ivan Jaf, narrativas mais longas, voltadas aos jovens. Este último, dos quatro títulos, é aquele mais lúdico, mesclando fatos e personagens históricos com a mais desbragada fantasia, materializada em vampiros de diferentes dinastias e nacionalidades, numa história que funde de modo bem-humorado terror, romance e aventura.

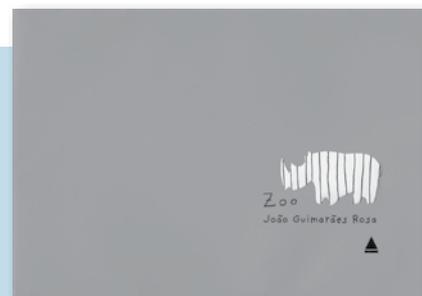
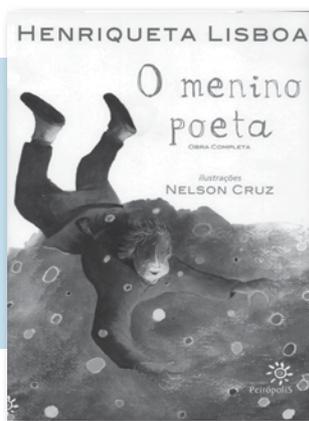
Merece especial destaque, ainda, a obra *D. João Carioca – a corte portuguesa chega ao Brasil (1808-1821)*³⁷, história em quadrinhos cuja pesquisa e supervisão ficou a cargo da renomada historiadora Lília Moritz Schwarcz, e cuja pesquisa adicional, roteiro e desenhos couberam ao iconoclasta cartunista Spacca. O resultado de conjunto é dos melhores, na medida em que se apresenta aos jovens leitores um conhecido episódio de nossa História por uma perspectiva eminentemente crítica e mediada por um humor rasgado e corrosivo. A edição conta também com um atraente anexo em que se reproduzem os “desenhos de produção” que serviram de base aos quadrinhos.

No campo das obras informativas, foi lançada uma versão “juvenil ilustrada” de *1808*: como uma rainha louca, um príncipe

medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Portugal e do Brasil³⁸, o grande *best-seller* de Laurentino Gomes, premiado com o Jabuti 2008 nas categorias “Melhor Livro de Reportagem” e “Melhor Livro de Não-Ficção”, uma das duas principais categorias do Jabuti. A obra original fez história, por apresentar uma pesquisa rigorosa, realizada ao longo de mais de dez anos, com um olhar renovado sobre o tema e numa linguagem jornalística, acessível a um público muito maior do que aquele que habitualmente lê lançamentos historiográficos no país. Se a versão original já era absolutamente acessível a um público mais jovem, poderia “assustar”, no entanto, pelas mais de 400 páginas do livro, o que certamente levou a realização da edição reduzida, buscando ainda mais atrair crianças e jovens pelas ilustrações.

Os cem anos da imigração japonesa, largamente festejados no país em 2008, particularmente no Estado de São Paulo, onde há uma das principais colônias japonesas do mundo, também serviram de pretexto para que fossem lançadas obras de boa qualidade sobre a cultura japonesa, de natureza bem diversificada, compondo um belo mosaico para aqueles que se interessam pelo assunto. Não necessariamente todos os títulos lançados reportam-se diretamente aos cem anos da imigração.

Duas obras de ficção voltadas aos jovens se destacam: *Os livros de Sayuri*³⁹, escrito e ilustrado por Lúcia Hiratsuka (1960), premiada artista que já criou tradição na divulgação da cultura japonesa no Brasil, e *Um presente que veio de longe*⁴⁰, de Cristina Sato. A obra de Hiratsuka baseia-se em episódio real vivido por famílias japonesas no Brasil que, durante a Segunda Guerra Mundial, tiveram de enterrar seus



livros para que não fossem queimados pelo governo ditatorial de Getúlio Vargas. Sabendo explorar o forte poder simbólico da imagem de “livros que são enterrados”, a autora cria uma narrativa de rara delicadeza, sublinhada pelo traço suave de seus desenhos, ao apresentar uma jovem protagonista que corajosamente esconde um livro da mãe, para que não seja enterrado e com ele possa aprender a língua japonesa. Já a obra de Sato concentra-se propriamente na história da imigração japonesa, focalizando personagens de diferentes gerações que viveram a aventura de partir do Japão para o Brasil a partir do início do século XX, enfrentando as intensas diferenças culturais entre os dois países, bem como a trajetória de alguns de seus descendentes, que viriam a fazer, cem anos depois, o caminho de volta ao Japão, em busca da celebrada modernidade do país. Numa linha ficcional semelhante, insere-se a narrativa curta *Tatsuo e a lua de mochi*⁴¹, de Patrícia Engel Secco, voltada aos leitores iniciantes. Com especiais atrativos para esses leitores, há também um belo livro de poesia da consagrada dupla Lalau e Laura Beatriz – trata-se de *Japonesinhos*⁴² uma homenagem singela aos cem anos da imigração, composta de poemas breves sobre variados animais do Japão.

No âmbito do reconto de contos populares japoneses, duas obras se destacam, particularmente pelo apuro do projeto gráfico-editorial que lhes dá corpo: *Contos populares japoneses*⁴³, de Adriana Lisboa, e *Satiko e o vulcão*⁴⁴, de Stela Barbieri. No campo dos livros informativos três obras lançadas em 2008, apresentam grande riqueza de dados sobre a cultura japonesa ao leitor brasileiro, de diferentes perspectivas e valendo-se de recursos variados. *ABC do Japão*⁴⁵, de Stela Barbieri, resgatando a

tradição dos velhos abecedários ligados ao universo da literatura infantil, apresenta ao jovem leitor um amplo leque de conceitos que tanto remontam à mais remota tradição cultural do Oriente (*bonsai, ideograma, ronin etc.*) quanto se voltam para o Japão do presente (*mangá, videokê etc.*). *Papel e tinta*⁴⁶: artes do Japão, de Nereide Schilaro Santa Rosa, constitui uma estimulante introdução a dez técnicas da cultura milenar das artes e tradições japonesas (*washi, origami, takô etc.*), convidando o leitor a pôr mãos à obra, com base em instruções precisas, amparadas em fartas ilustrações. Por fim, para os jovens leitores interessados na grande aventura vivida pelos japoneses que vieram para o Brasil, segundo uma perspectiva histórica, há a cuidadosa edição bilíngüe, em capa dura, *A imigração japonesa no Brasil: uma saga de 100 anos*⁴⁷, de João G. Machado e Oscar d'Ambrosio, escrita em linguagem acessível e ricamente ilustrada com a reprodução de inúmeras fotos e quadros do período.

Caleidoscópio de letras

Naturalmente que não apenas a produção de literatura infantil e juvenil brasileira premiada e aquela voltada às três efemérides destacadas são dignas de menção no ano de 2008. Na verdade, a maior dificuldade de uma visada panorâmica como a que aqui se propõe é não cometer demasiadas injustiças ao citar somente algumas obras e silenciar sobre outras, num universo que ultrapassa os 1.600 lançamentos. Portanto, que fique claro que não há aqui pretensão nenhuma de ser exaustivo ou indicar “as melhores obras do ano”, mas tão simplesmente sublinhar algumas tendências observadas e exemplificar com uma ou outra obra vinculada a esse contexto.

A produção de **poesia** correspondeu a

cerca de 9% dos lançamentos de literatura infantil e juvenil brasileira no período – uma categoria menos tímida, portanto, do que se costuma apontar. Chama a atenção, inicialmente, a publicação de autores clássicos da literatura brasileira – infantil, juvenil ou mesmo adulta – em edições renovadas, reapresentando para o público de hoje obras da maior consistência, sustentadas por projetos gráfico-editoriais ousados, empenhados em arregimentar novas gerações de leitores.

Luiz Raul Machado, cuidando dos textos, e Roger Mello, responsabilizando-se pelo *design*, compõem um “livro-objeto” tridimensional, dos mais poéticos e lúdicos, intitulado *Zôo*⁴⁸, todo ele organizado com frases sobre bichos, extraídas de *Ave, palavra*, de Guimarães Rosa (1908-1967). Elias José, poeta e prosador muito atuante na literatura infantil e juvenil brasileira das últimas décadas e falecido abruptamente em agosto de 2008, aos 72 anos, também organizou uma obra de encher os olhos de leitores de qualquer idade: *As meninas e o poeta*⁴⁹, de Manuel Bandeira (1886-1968). A obra reúne poemas brincalhões e afetivos – alguns dispersos em várias obras, outros inéditos – com que Bandeira costumava homenagear as filhas de seus amigos em aniversários, nascimentos ou batizados, num conjunto bastante harmônico. Outra bela antologia de poemas de Bandeira lançada é *Belo belo e outros poemas*⁵⁰, ilustrado por Eduardo Albini.

O menino poeta, de Henriqueta Lisboa (1901-1985), obra publicada pela primeira vez em 1943, sendo hoje considerada uma peça-chave de nossa poesia para crianças, foi objeto de uma nova edição, primorosa, ilustrada em clave lírica por Nelson Cruz e contando, ainda, com prefácio de Bartolomeu Campos de Queirós e posfá-

cio de Gabriela Mistral. Também um de nossos melhores poetas contemporâneos para crianças e jovens, Sérgio Capparelli (1947), teve uma de suas obras mais conhecidas contemplada com uma nova edição, contando com a ilustração irreverente de Orlando – trata-se de *Tigres no quintal*, lançada originalmente em 1993.

Outros poetas contemporâneos, que vêm mantendo uma produção regular e de qualidade nas últimas décadas, lançaram novos títulos ao longo do ano, dando continuidade a estilos já bem consolidados e reconhecidos por seu público e pela crítica especializada. Alice Ruiz S (1946), juntamente com Maria Rezende (1942), publicou o delicioso *Conversa de passarinhos*: haikais⁵¹. Ricardo Azevedo (1949), prosseguindo com uma produção que tem por peculiaridade a incorporação da cultura popular lançou dois volumes da *Coleção do Zé Valente*, em que se misturam, adivinhas, quadrinhas populares, ditados, contos e receitas: *Vou-me embora desta terra, é mentira eu não vou não*.⁵² e *Papagaio come milho, periquito leva a fama*.⁵³ Publicou também, na mesma linha, *Cultura da terra*.⁵⁴ Lalau (1954) e Laurabeatriz lançaram *Sobre-vãos*: o que as aves brasileiras vêem lá de cima⁵⁵, um elogio rasgado ao ato de voar e à liberdade. Roseana Murray faz-se presente no conjunto de obras poéticas com dois títulos: *Fábrica de poesia*⁵⁶ e *Poemas e comidinhas*.⁵⁷ Tatiana Belinky (1919) deu mostras, ao longo do ano, de uma grande capacidade produtiva, lançando diversos livros de poesia, quase todos dedicados aos *limeriques*, gênero de sua predileção. Curiosamente, talvez seja um livro fora desse gênero o que mais se sobressaia: *O segredo é não ter medo*⁵⁸, com quadrinhas que tematizam de maneira jocosa a morte, tema-tabu na literatura infantil e juvenil. A obra conta com a ilustração concisa, mas bastante comunicativa, do festejado artista

plástico Guto Lacaz.

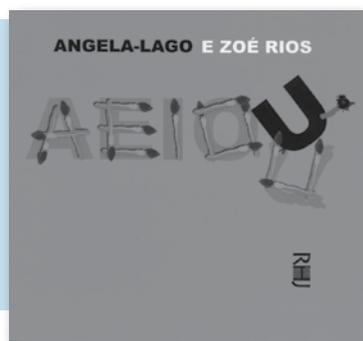
Deve-se mencionar ainda dois trabalhos de autores menos conhecidos, mas que também merecem destaque. *Poeminhas animais*⁵⁹, de Alexandre Azevedo, é uma obra enxuta e bem humorada, que alcança um bom grau de poeticidade para tratar de bichos conhecidos de todos. Outro título que alcançou um resultado literário particularmente feliz é *Rinoceronte dobrado*⁶⁰, de Hermes Bernardi Jr., ilustrado por Guto Lins. Apresentando ao leitor uma caixa de sapatos que guarda os mais incríveis objetos, palpáveis ou não, convida-o a um vôo de imaginação, num poema de inspiração surrealista. Merece menção, por fim, *Poesia do dia*: poetas de hoje para leitores de agora⁶¹, uma coletânea de poemas com grande poder de sedução junto aos jovens, aglutinando escritores ainda pouco conhecidos do grande público, tais como Fabrício Corsaletti, Fabrício Carpinejar e Paulo Seben.

A categoria **livro infantil** corresponde, sem dúvida, ao maior segmento da produção nacional, abarcando cerca de 40% do total de lançamentos no país, ou seja, por volta de 640 livros só no último ano, o que significa que são publicados praticamente dois novos livros infantis a cada dia no Brasil... No conjunto, essa produção vertiginosa revela-se altamente diversificada, sendo possível divisar muitas narrativas de boa qualidade literária, ainda que co-existam com outras inseridas numa mera faixa de entretenimento ou atreladas a uma visão por demais escolarizada e que acaba por revelar, por vezes, o famigerado ranço pedagogizante que assombra o gênero desde suas origens. Como efeito da grande quantidade de títulos, há uma pulverização de temas e formas, valendo a pena chamar a atenção para o fato de que a fantasia predomina largamente sobre o verismo e de que, nas melhores obras, há um esforço de

injetar poeticidade e ludismo na linguagem dessas narrativas que, por vezes, acabam por se aproximar da prosa poética e do livro-jogo.

Escritores veteranos, premiados e com público cativo, seja o das próprias crianças, seja o dos mediadores, dão continuidade a sua produção ao lado de autores mais jovens ou menos conhecidos que, pouco a pouco, vão afirmando seu nome no horizonte da literatura infantil brasileira. Vinculadas ao primeiro grupo de escritores, podem ser destacadas algumas obras que, ainda que não necessariamente inovadoras, reafirmam a maestria de seus autores, sempre empenhados em respeitar a inteligência e a sensibilidade da criança. *Foi assim*⁶², de Bartolomeu Campos Queirós, aborda o processo de alfabetização do pequeno Edu por sua mãe, que utiliza para esse fim macarrão de letrinhas, numa história impregnada de muita afetividade. Com *O namorado da fada ou o menino do planeta Urano*⁶³, Ziraldo apresenta a primeira obra de uma série que pretende fazer, associada aos planetas do sistema solar. Ao mesmo tempo que se trata de um “conto de fadas do futuro”, a narrativa é uma bela história de amor à moda antiga. *Contos de adivinhação*⁶⁴, de Ricardo Azevedo, é outro mergulho do autor na cultura popular, resgatando histórias da tradição oral brasileira, divertidas e empolgantes. Em *AEIOU*⁶⁵ Angela-Lago e Zoé Rios fazem uma releitura dos velhos abecedários utilizados na alfabetização das crianças de antigamente, explorando às últimas conseqüências a materialidade das letras, em particular das vogais, que vão sendo substituídas numa dada palavra, para que se crie outra totalmente nova, tudo compondo um “efeito-dominó” saborosamente lúdico e poético.

Quanto ao segundo grupo de escritores e obras a eles associadas, multiplicam-se os registros, estilos, propostas, com uma ên-



fase particular no humor. Há, por exemplo, o humor esdrachado de Fábio SgROI, escritor e ilustrador, numa obra de caráter pseudo-informativo – *O livro do lobisomem*⁶⁶. E há um humor mais sutil, imbricado ao intertexto estabelecido com as frases típicas de pára-choque de caminhão, por vezes provérbios, de *A mulher que fala va pára-choquês*⁶⁷, de Marcelo Duarte. Em *Comilança*⁶⁸, de Fernando Vilela, autor e ilustrador, os bichos de uma dada cadeia alimentar vão comendo uns aos outros, num banquete sinistro, mas também algo cômico. Em *Inventa-desventa*⁶⁹, de Marta Lagarta, o humor aflora das combinações esdrúxulas e absurdas que um menino vai fazendo, ao misturar, por meio de diferentes maneiras, os mais variados elementos de objetos, pessoas e animais. Isto, para ficar apenas numa das tendências – talvez a dominante – desse conjunto eclético de obras publicadas ao longo de um ano.

O segmento referente à **literatura juvenil** é, em termos quantitativos, o segundo maior do conjunto da produção nacional para crianças e jovens em 2008 – por volta de 19% de todos os títulos publicados no setor. De um ponto de vista qualitativo, entretanto, talvez seja aquele que demonstrou maior vitalidade no período, revelando um empenho em explorar temas em sintonia com questões candentes da sociedade contemporânea – particularmente as mais diretamente ligadas ao universo juvenil – e, ao mesmo tempo, buscar a contrapartida formal para expressá-las. Verifica-se, em diversos títulos, um esforço de pesquisa e experimentação no nível da linguagem e dos elementos estruturais das narrativas e até mesmo no nível da materialidade do livro. A essa empreitada lançaram-se tanto os escritores, ilustradores e designers já consagrados no gênero quanto aqueles com menos tempo de estrada, ainda em pleno processo de afirmação. Vale



acrescentar, ainda, que, na rubrica *literatura juvenil*, há um predomínio absoluto das narrativas longas em oposição aos livros de contos ou crônicas, em geral antologias de diversos autores e raramente obras de autoria única.

Ana Maria Machado (1941), a premiada escritora carioca, em *Mensagem para você* cria uma história que condensa dois aspectos de caráter geral que se fazem presentes em muitas narrativas juvenis do período: a tematização da *leitura* e da *escrita* e dos *novos recursos tecnológicos* na sociedade contemporânea, em especial aqueles associados à informática. Nessa obra, a autora transita entre a vertente realista e a fantástica, para uma “celebração da escrita”, como ela mesma declara⁷¹, focalizando um grupo de jovens que, de uma hora para outra, começa a receber misteriosas mensagens por computador, por meio de jogos eletrônicos e mesmo por celular. São assinadas com nomes de pessoas de outras épocas, que os adolescentes suspeitam ser pseudônimos de algum *hacker*, enigma que, no entanto, só ao final da narrativa se desvela ao leitor.

A presença do tema da *leitura/escrita* e das *novas tecnologias* em diversas obras juvenis, na perspectiva com que são enfocados, parece assumir um caráter de complementaridade entre os dois tópicos. De um lado, há nessa produção literária um quê de narcísico e de auto-promoção, com a representação reiterada de personagens que lêem, que discutem textos literários e que citam autores e obras. É a literatura tratando dela mesma, remetendo a outros textos literários como num jogo de espelhos, usando e abusando dos recursos intertextuais, bem ao gosto da arte contemporânea, mas que, no limite, poderia remeter até mesmo às origens pedagogizantes do gênero. Por outro prisma, a preocupação insistente com uma temática dessa natureza pode ser percebida como uma espécie de reação à competição que as novas tecnologias impõem em relação aos produtos culturais que delas se originam (games, vídeos, mp3, internet, blogs, MSN, Orkut, torpedos etc.) e ao tempo dispensado pelos adolescentes ao consumo desses outros bens simbólicos. É como se, apocalipticamente, uma vez mais a crise da leitura (literária!) pairasse de modo ameaçador sobre nossas cabeças, fazendo-se necessário tornar a literatura “competitiva”, mobilizando-a para tentar reverter um

quadro para muitos desalentador e desumanizador, que apontaria para o crescente afastamento entre o jovem e o livro, apesar do paradoxo dos números gigantescos que movimentam o mercado no setor.

As estratégias para dirigir o foco à *leitura/escrita* e/ou às *novas tecnologias* variam de obra para obra. Há obras em que a literatura ocupa posição central, como no típico *Bildungsroman* de Rodrigo Lacerda, *O fazedor de velhos*⁷², em que o leitor vai acompanhando a gradativa formação do protagonista-narrador, numa trajetória que o levará a transformar-se em escritor com o auxílio de um velho professor que entra em sua vida por uma teia de sucessivas casualidades e que o incentiva particularmente à leitura de Shakespeare.

Também posição de destaque cabe à *literatura* na muito bem sucedida obra de Luís Dill, *Todos contra D@nte*⁷³, cujo título, sugestivo e ambíguo, dá o tom desse contundente libelo contra a barbárie associada ao uso da tecnologia e da informática no recurso cada vez mais freqüente do *bullying*. Dante, o protagonista a que remete o título, busca continuamente na obra de seu “xará florentino” sentidos que o auxiliem no auto-conhecimento e na superação das dificuldades e agressões por parte de filhinhos-de-papai a que se vê exposto em sua nova escola. Numa linguagem que mimetiza suportes e linguagens hoje correntes entre os jovens (blogs, diálogos de MSN e Orkut, hyperlinks etc.), o autor desnuda, numa narrativa tensa, inspirada em fatos reais, a explosão de violência a que pode conduzir o *bullying*.

*Clique para zoar*⁷⁴, de Isabel Vieira, num tom mais brando e talvez mais jornalístico do que exatamente literário – mas nem por isso menos crítico – também põe em discussão a prática do *bullying*, relatando as sucessivas humilhações por que vai passando a garota Valentina. Em *Eu sou Maria*⁷⁵, de Sonia Rodrigues, as dificuldades de relacionamento e de aproveitamento numa nova escola por parte da protagonista bolista, assim como o preconceito sofrido por conta de grandes diferenças de classe social – Maria mora numa favela distante da escola, em contraste com seus colegas bem nascidos – movimentam uma narrativa sensível, que consegue evitar o tom panfletário ao propor uma releitura de *Os doze trabalhos Hércules*.

A violência entre jovens, motivada por toda sorte de preconceitos, mas especialmente o anti-semitismo, faz-se presente em *O Golem do Bom Retiro*⁷⁶, de Mario Teixeira, uma narrativa de muita ação, de ritmo extremamente ágil e de diálogos bastante coloquiais, em que fica clara a habilidade do autor na elaboração de textos dirigidos ao grande público, fruto de sua experiência como escritor de telenovelas e roteiros para TV. O autor evita ficar na mera crônica jornalística ou na dicção realista, que seriam caminhos óbvios para o tratamento do tema, adentrando o universo do fantástico, mesclado a algumas boas doses de humor, ao representar um jovem rabino – naturalmente bastante envolvido com a leitura, sobretudo de obras religiosas e cabalísticas – que cria um *golem* para ajudar a conter a violência que assola a comunidade judaica do bairro do Bom Retiro, em São Paulo, originada por alucinados skinheads.

Ainda, no que diz respeito às representações da leitura, há obras em que a questão se mostra imbricada a temas como os conflitos vividos entre a jovem protagonista e seu pai, em *Turbilhão em Macapá*, de Ivan Jaf. Nessa obra oportuna, de vertente realista e linguagem precisa, a patricinha freqüentadora de shoppings e consumista voraz, quando ao lado da mãe e do padastro, entra em choque frontal com o pai, que representa o avesso desse comportamento – leitor inveterado, de visão crítica, desapegado de bens materiais, desencantado com a sociedade de consumo, com o status e com as aparências. Num outro extremo, bastante diverso do universo urbano focalizado pela maior parte dos títulos lançados em 2008, pode ser citada a obra *No bebelê*⁷⁸, de Antonio Barreto, uma das raras investidas no universo rural e numa literatura regionalista, de matriz roseana, em que o garoto Guiminha, morador de uma fazenda no interior das Minas Gerais, se divide entre a criação de minhocas para ganhar algum dinheiro e sua paixão pela escrita. Diferentemente, dos protagonistas urbanos de outras obras, suas relações com o pai e a mãe são afetuosas e pacíficas.

Uma vez mais no contexto do universo urbano, em *Quando eu acabar de crescer*⁷⁹, de Lino de Albergaria, também se fazem presentes conflitos entre pai e filho. Nessa obra, assim como em *Turbilhão em Macapá* e em algumas outras narrativas juve-

nis publicadas em 2008, a figura materna ocupa um segundo plano, com conotações negativas – mães autocentradas, distantes dos filhos e filhas –, com a ação detendo-se em pais que assumem novos papéis sociais, antes característicos apenas das mulheres. Mas há também representações de pais ausentes, física e/ou psicologicamente, o que também gera tensões geracionais – é o caso de *Meu pai não mora mais aqui*⁸⁰, do cada vez mais reconhecido Caio Riter, e de *Baratinada*⁸¹, de Marília Pirillo.

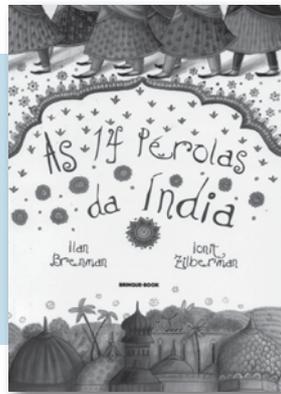
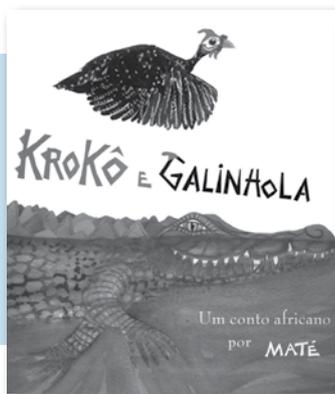
Quanto às obras que buscam a aproximação da leitura e da literatura com as práticas culturais juvenis ligadas às novas tecnologias e à informática, há hoje muitas publicações. Emulam procedimentos típicos de outras práticas culturais que não a literatura, mas nem sempre alcançam soluções literárias convincentes. Há, por exemplo, aquelas que enveredam pelo recurso à “interatividade”, em que o leitor é chamado a “participar ativamente da história”, “fazendo parte da aventura”, “resolvendo mistérios”, respondendo perguntas, decidindo o final da história, escolhendo “caminhos” no interior da narrativa, que acabam por transformá-la, mais do que num texto efetivamente literário, num livro-jogo, próprio da cultura do entretenimento.

E há também aquelas que, nesse esforço de mimetizar o universo das novas tecnologias, são ousadas no projeto gráfico-editorial, a ponto de romper com certas convenções referentes à materialidade usual do objeto-livro. A série *Rumos na Rede* da Editora Moderna optou pelo uso da espiral, em vez da brochura, e por uma aparente horizontalização da mancha, que, à medida que se inicia a leitura, se revela, surpreendentemente como uma verticalização mais acentuada do que nas obras convencionais, uma vez que cada folha do livro é dupla e deve ser desdobrada, revelando uma mancha bem longa e com largas margens, a exemplo dos textos que vamos “desenrolando” na tela de um computador. A idéia é imitar os populares *blogs* do *cyberspace* com *posts* acrescidos de comentários que visam a “motivar discussões e análises mais profundas” dos eventos apresentados na narrativa. Um título instigante da série é *O colapso dos bibelôs*⁸², da escritora Índigo, um dos nomes mais promissores da nova geração. A obra, uma distopia, explo-



ra a idéia de um dia em que, sem mais nem menos, ocorre uma pane geral no sistema de telefonia e todos os usuários de telefone fixo, celular e conexões de internet, ficam a ver navios. Ao leitor, cabe acompanhar a odisseia do jovem protagonista para reaprender a viver numa sociedade em que as relações entre as pessoas terão novamente de ser mais diretas do que o mundo virtual e a telefonia vinham exigindo.

Algumas outras obras destacam-se muito positivamente no conjunto da produção de literatura juvenil brasileira em 2008, ainda que não necessariamente alinhadas às tendências até agora apontadas. É o caso de *Micos de Micaela*⁸³, de Angélica Lopes, obra que, bastante despreziosa, atinge resultados hilariantes na proposta cômica a que se propõe, explorando o estereótipo do *gauchismo* adolescente. *A maldição do olhar*⁸⁴, do multipremiado Jorge Miguel Marinho, debruça-se sobre o tema do vampirismo, desconstruindo criativamente clichês do gênero e estabelecendo um original intertexto com *Alice através do espelho* de Carroll. *Lenora*⁸⁵, da também premiada Heloisa Prieto, constrói um tocante romance pop de matizes góticos que, para tratar da história da banda de rock (fictícia) Priaprima, alterna fatos de duas épocas – o início dos anos 70 e o tempo presente. O que permite tratar de valores e do imaginário do universo jovem de algumas décadas atrás e de seus desdobramentos na atualidade, valendo-se, ainda, do belo intertexto com o poema Lenore de Edgar Allan Poe, que confere o tom sombrio de uma narrativa que investiga a natureza do mal. *A última guerra*⁸⁶, de Luiz Bras e Teresa Yamashita, também propõe um questionamento do mal absoluto numa narrativa distópica, que mergulha o leitor no absurdo de uma guerra devastadora e sem qualquer explicação, em atmosfera de brutal pesadelo.



Beatriz Abuchaim, em seu primeiro trabalho solo, *Habitantes de corpos estranhos*⁸⁷, compõe uma obra vibrante, que pode ser lida tanto como coletânea de contos ou como uma única e intensa narrativa-coral, em que jovens de diferentes personalidades dão vazão a um discurso sem meias-tintas sobre os problemas e inquietações adolescentes. A narrativa curta também é bem representada em *Tempo de descabelar e outras crônicas cabeludas*⁸⁸, de Rita Espescht, num conjunto de textos que aborda o cotidiano das grandes cidades brasileiras com lirismo e humor.

Outro segmento importante no conjunto da literatura infantil e juvenil que circulou no Brasil em 2008 é o do **reconto**, correspondendo a cerca de 11% do total de títulos nacionais lançados no mercado. Uma tendência que se pode verificar nesse caso é a de que a tradição dos contos de fadas europeus e da mitologia greco-latina, antes fontes recorrentes para as adaptações feitas pelos escritores brasileiros, cedeu lugar a outras tradições, que passam a constituir as principais matrizes para a produção nacional, tais como a *africana*, a *indígena*, a *oriental* e a *latino-americana*. Esse aspecto é, certamente, fruto da valorização de enfoques multiétnicos e culturais de nosso tempo, presente, inclusive, em diretrizes educacionais variadas, que estimulam que os leitores em formação tenham acesso a esses conteúdos.

*O segredo das tranças e outras histórias africanas*⁸⁹, recontadas por Rogério Andrade Barbosa e ilustradas por Thaís Linhares; *África*⁹⁰, texto de Ilan Brenman e ilustrações de Fernando Vilela; *Eriné, o caçador e outros contos africanos*⁹¹, texto de Adilson Martins e ilustrações de Luciana Justiani Hees; e *Krokô e Galinhola*⁹², texto e ilustrações de Mate, são algumas dessas diversas obras que exploram o riquíssimo

imaginário do continente africano. Nelas, misturam-se animais, homens e entidades mágicas, representadas em ilustrações nunca menos que exuberantes e cheias de vida, mono ou policromáticas, em variados estilos, que sabem aproveitar criativamente motivos africanos das mais diferentes regiões.

Tal como nas obras de recontos de origem africana, os recontos de origem indígena receberam um tratamento gráfico-editorial requintado, em que ilustradores e designers conseguiram alcançar a máxima expressividade e sintonia no entrelaçamento de texto verbal e não-verbal. É assim que se podem reconhecer laivos surrealistas nas criativas ilustrações que André Neves elaborou para *Ao pé das fogueiras acesas: fábulas indígenas brasileiras*⁹³, um dos últimos trabalhos de Elias José; ou as ilustrações multicoloridas e de puro encantamento de Geraldo Valério, que remetem simultaneamente a Miró e a Matisse, para *A criação do mundo e outras lendas da Amazônia*⁹⁴, recontadas por Vera do Val; ou, ainda uma vez mais, Fernando Vilela – um dos mais produtivos artistas do ano de 2008 – e seus desenhos arrebatadores em preto, branco e verde-claro metálico, explorando fortes contrastes, afinados com a temática de uma obra permeada de oposições e inspirada em lendas de diferentes tribos indígenas sobre a criação do mundo.

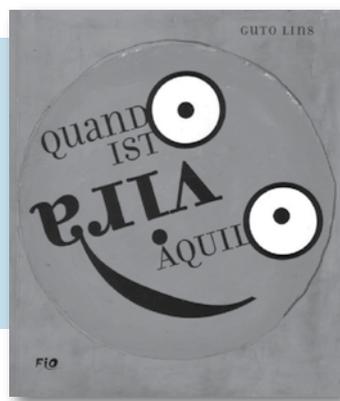
A tradição oriental faz-se presente de maneira muito especial em obras de reconto como *As 14 pérolas da Índia*⁹⁵, de Ilan Brenman, ilustrada por Ionit Zilberman; *Histórias para ler sem pressa*⁹⁶, escolhidas e traduzidas do árabe por Mamede Mustafá Jarouche e ilustradas por Andrés Sandoval; *A fiandeira de ouro*⁹⁷, recontada por Sonia Junqueira, com ilustrações de Alexandre Camanho; e *Nian*⁹⁸, recontada da tradição oral chinesa por Kety Chen e ilustrada por

Tati Mões.

Se há alguns anos os livros da categoria **informativos** não eram ainda um nicho muito explorado pelos escritores brasileiros, predominando no mercado as traduções, hoje já existe uma produção regular que corresponde a cerca de 15% dos lançamentos na área e que, a cada ano, tem trazido boas surpresas para nossos jovens leitores. Nessas obras são explorados assuntos da ordem do dia geralmente pouco abordados no âmbito do público infantil e juvenil, em publicações planejadas meticulosamente para despertar o interesse dos leitores iniciantes ou mais experientes e que contam com projetos gráfico-editoriais muito bem cuidados.

Entre as obras que se destacaram em 2008, podem ser lembradas, por exemplo, *O preço do consumo*⁹⁹, de Ivan Jaf e Daniela Palma, uma obra que apresenta uma narrativa ficcional sobre o tema, com pequenos verbetes explicativos disseminados nas margens das páginas ao longo do livro e com grandes boxes explicativos, de página inteira, que vão sendo intercalados em meio à narrativa. Aliás, essa mistura de ficção e informação é uma tendência marcante que se faz presente em diversas obras. É o caso, por exemplo, de algumas biografias, como *O coração escuta pela boca*¹⁰⁰, de Silvana de Menezes, uma “ficção filosófica” empenhada em iniciar seus leitores na história da psicanálise, por meio da biografia de Freud.

Essa mesma mistura de ficção e realidade se faz presente na coleção *Diários descobertos* da Editora Escala Educacional, em que escritores da literatura infantil e juvenil criam diários imaginários para personalidades como Júlio Verne, Santos Dumont, Aleijadinho ou Leonardo da Vinci, sempre com base em dados históricos – é o caso de *As aventuras extraordinárias de Julio*¹⁰¹,



de Márcia Leite; *Eu e os outros pioneiros da aviação*¹⁰², de Gustavo Piqueira; *O menino que queria voar*¹⁰³, de Índigo; e *Ouvindo pedras*¹⁰⁴, de Luís Dill. Nessas obras, são ainda reproduzidos textos de efetiva autoria dos biografados e os “bastidores do diário”, onde se procura esclarecer até onde vai a verdade e a ficção nos diários “inventados” pelos escritores. Uma outra coleção de biografias, mas dirigida aos leitores de menor idade é *Pequenos Craques*, com títulos como *João do Pulo*¹⁰⁵ (salto em altura), *Magic Paula*¹⁰⁶ (basquete) e *Garrincha*¹⁰⁷ (futebol), todos de autoria de Paola Gentile, que, em narrativas breves, alinhava momentos importantes da trajetória desses esportistas, com ênfase em episódios da infância de cada um.

Alguns outros livros informativos de natureza variada sobressaem do conjunto de publicações, pela originalidade dos temas abordados ou pelo tratamento que receberam. *Barangandão Arco-Íris: 36 brinquedos inventados por meninos e meninas*¹⁰⁸, de Adelsin; *Linha do tempo: uma viagem pela história da humanidade*¹⁰⁹, de Cláudia de Castro Lima; e *Seurat e o arco íris*¹¹⁰, de Caulos, são exemplos eloquentes de um segmento que não depende mais apenas das traduções.

Diferentemente de outros anos, categorias como **quadrinhos**¹¹¹, **livro de imagens**, **livro-Brinquedo** e **teatro**, contaram com uma participação mais acanhada no total de lançamentos de autores brasileiros de literatura infantil e juvenil, correspondente, no conjunto, a apenas 6% das obras publicadas em primeira edição. Além disso, há poucos títulos que chamem realmente a atenção. Entre eles, podem ser destacados: a coleção *Domínio público*¹¹², voltada à adaptação para quadrinhos de clássicos da literatura brasileira, cujo volume 1 conta com a colaboração de vários autores e ilustradores e apresenta versões quadrinizadas de caráter

experimental de textos de escritores como Augusto dos Anjos, Machado de Assis, Olavo Bilac e Lima Barreto, entre outros; os livros de imagens *Viva a diferença*¹¹³, de Ruth Rocha, com ilustrações de Clair Arruda; *Meninos espertos*¹¹⁴, de Mario Vale; e *O menino, o jabuti e o menino*¹¹⁵, de Marcelo Pacheco; e, em especial, *Quando isto vira aquilo*¹¹⁶, de Guto Lins, deliciosa brincadeira visual em que, a cada página virada do livro, um animal se transforma em outro, numa deliciosa circularidade; a Coleção CEPETIN¹¹⁷ de teatro infantil, voltada à publicação dos textos que obtiveram os primeiros lugares do “Prêmio Ana Maria Machado” – *A rosa que gira roda*¹¹⁸, de Flavia Savary (1.º lugar); *O duende imaginário*¹¹⁹, de Cláudia Valli (2.º lugar) e *O travesseiro*¹²⁰, de Maurício Marques (3.º lugar).

Sobre literatura infantil e juvenil

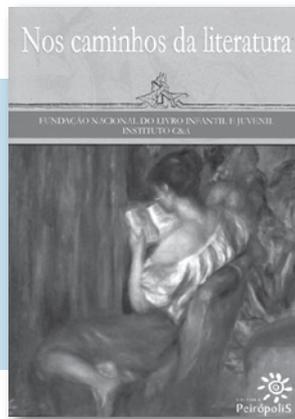
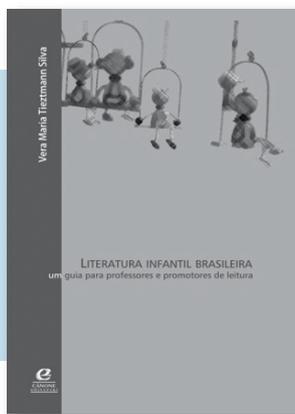
Um dos sinais mais nítidos do papel de destaque que ocupa a literatura infantil e juvenil no cenário da produção cultural brasileira de nossos dias é o fato de que se verificou ao longo de 2008 a publicação regular e intensa não apenas de textos de literatura infantil e juvenil, mas também a edição significativa de obras *sobre* literatura para crianças e jovens. Se considerarmos que a pesquisa acerca do assunto só passou a ser produzida de modo mais sistemático no país há cerca de três décadas¹²¹, é animador observar que num único ano foram publicadas mais de duas dezenas de obras relevantes sobre o tema, confirmando a maturidade e a autonomia que o gênero adquiriu entre nós. Os títulos teóricos publicados são de natureza bastante variada, contemplando um largo espectro de preocupações, que vão da *tradição* da literatura infanto-juvenil brasileira à *contemporaneidade*, de aspectos mais estreitamente ligados à *produ-*

ção àqueles voltados também à *recepção*; da esfera do *verbal* à do *não-verbal*.

Monteiro Lobato (1882/1948), referência absoluta na literatura para crianças e jovens no Brasil, é objeto de duas obras coletivas: *Monteiro Lobato, livro a livro*¹²², organizada por Marisa Lajolo e João Luís Ceccantini, e *Monteiro Lobato e o leitor de hoje*¹²³, organizada por João Luís Ceccantini e Alice Áurea Penteado Martha. Considerado pela maior parte dos pesquisadores da área nosso primeiro grande autor, espécie de *fundador* da literatura infantil brasileira, no sentido de inaugurar em nível nacional um projeto literário inovador e alentado, Lobato tem, na primeira dessas duas obras, cada um de seus livros infantis investigados de maneira vertical por especialistas que buscam preencher uma lacuna na bibliografia sobre a obra do escritor, até hoje preponderantemente panorâmica e concentrada quase que apenas nos títulos infantis mais conhecidos de Lobato. Sobressai, na concepção do livro, a idéia de “apresentar o percurso cumprido por cada obra lobatiana – desde, muitas vezes, a discussão de seu projeto original até as alterações perceptíveis em suas diferentes edições” (Lajolo; Ceccantini, 2008, p. 10). No cuidadoso projeto gráfico da obra, cada capítulo é introduzido pela reprodução da capa da primeira edição do título lobatiano ali analisada.

No outro trabalho lançado em 2008 sobre Lobato, é discutida a recepção da obra do escritor por leitores contemporâneos de diferentes faixas etárias e níveis de escolaridade, aspecto ainda pouco explorado nos estudos lobatianos, mas que se torna imperativo conhecer com mais profundidade, particularmente para aqueles empenhados em formar leitores e divulgar a obra de Lobato para as novas gerações.

Outros estudos teóricos publicados ao longo do ano, seja no caso de obras coleti-



vas, seja no daquelas que originariamente constituíam dissertações ou teses acadêmicas, debruçam-se não apenas sobre a produção de escritores ligados à tradição, mas, sobretudo, sobre a produção de autores contemporâneos. Assim, se se analisa a literatura de clássicos como Viriato Correia, Graciliano Ramos ou Érico Veríssimo, predomina, entretanto, o estudo da obra de autores como Ana Maria Machado, Lygia Bojunga Nunes ou Ziraldo. E verifica-se mesmo a presença de alguns autores portugueses contemporâneos como Alice Vieira, Manuel António Pina ou João Pedro Mésseder. Dentre esses trabalhos teóricos, podem ser destacados *O preconceito em foco: análise de obras literárias infanto-juvenis; reflexões sobre História e Cultura*¹²⁴, de Antonio Sampaio Dória; *A literatura infantil e juvenil de língua portuguesa: leituras do Brasil e d'além-mar*¹²⁵, organizado por Eliane Santana Dias Debus; e *Narrativas juvenis: outros modos de ler*¹²⁶, organizado por João Luís Ceccantini e Rony Farto Pereira. Cada um desses trabalhos enfoca, à sua maneira, tópicos candentes (aludidos nos respectivos títulos das obras) e ainda pouco visitados pela bibliografia teórica disponível para o público leitor brasileiro.

Merece destaque também o conjunto de obras teóricas que, além de se ocupar de estudos sobre literatura infantil e juvenil do ponto de vista de sua produção, avança largamente para a questão da *leitura*, da *formação de leitores* e, por vezes, da *didática da literatura*. *A literatura para crianças e jovens no Brasil de ontem e de hoje: caminhos do ensino*¹²⁷, de Maria Alexandre de Oliveira; *Professor-leitor: de um olhar ingênuo a um olhar plural*¹²⁸, de Tereza Bom-Fim; *A vivência e a invenção na palavra literária*¹²⁹, de Cleide da Costa e Silva Papes – no caso de obras de um único autor; *Diálogos de Sevilha: literatura e leitores*¹³⁰, organizada

por Vera Teixeira de Aguiar e Alice Áurea Penteadó Martha; e *Nos caminhos da literatura*¹³¹, realizada pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ e o Instituto C&A – no caso de obras coletivas – são, todos, trabalhos bastante empenhados na discussão da questão da *mediação* no que concerne à literatura para crianças e jovens.

Vale dizer que *Nos caminhos da literatura* tem por diferencial o fato de aglutinar os textos correspondentes às conferências, mesas e palestras do Seminário “Prazer em Ler de Promoção da Leitura”, evento organizado em São Paulo de 22 a 24 de agosto de 2007, e de contar com textos não apenas de pesquisadores da área, mas também de importantes escritores e ilustradores de nossa literatura infantil e juvenil: Angela Lago, Graça Lima, Ana Maria Machado, Daniel Munduruku, Bartolomeu Campos de Queirós, Marina Colasanti, Nilma Gonçalves Lacerda e Ricardo Azevedo. Também é preciso ressaltar que integram a coletânea não somente pesquisadores brasileiros, mas renomados especialistas estrangeiros: a espanhola (catalã) Teresa Colomer; o espanhol (galego) Xosé Antonio Neira Cruz – este, também importante e premiado autor de livros infantis e juvenis –; a colombiana Silvia Castrillón; e a argentina Cecilia Bettolli.

Duas outras obras lançadas em 2008 também se voltam a esse objetivo simultâneo de tratar da literatura infantil brasileira e de discutir sua mediação entre os jovens leitores. Mas assumem um perfil diferente dos demais livros até aqui elencados: configuram-se claramente como “manuais” de literatura infanto-juvenil, que pressupõem como leitor preferencial o professor do Ensino Fundamental e os animadores de leitura. Trata-se de *Metodologia do ensino da literatura infantil*¹³², de

Marta Morais da Costa, e *Literatura infantil brasileira: um guia para professores e promotores de leitura*¹³³, de Vera Maria Tietzmann. Elaboradas por duas professoras universitárias (da UFPR e da UFG, respectivamente), bastante experientes no campo da formação de docentes e sempre ligadas aos mais variados projetos associados à literatura infantil e à leitura, quer em nível regional, quer em nível nacional, as obras trazem uma contribuição substantiva para um setor que demandava atualização e mais trabalhos dessa natureza. Nos dois casos, é patente o resultado de boa qualidade alcançado pelas autoras, na medida em que conseguem integrar, como poucos pesquisadores, teoria e prática, aspecto que confere a consistência e a funcionalidade necessárias para esse tipo de obra.

Dois outros trabalhos que vieram preencher importante lacuna no conjunto de publicações brasileiras sobre literatura infantil e juvenil são *Pelos jardins de Boboli: reflexões sobre a arte de ilustrar livros para crianças e jovens*¹³⁴, de Rui de Oliveira, e *O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador*¹³⁵, organizado por Ieda de Oliveira. Há muito que o público leitor brasileiro, especialista ou leigo, se ressentia pela ausência de obras de fôlego que tratassem da questão do não-verbal na literatura para crianças e jovens, sendo obrigado a se valer de artigos dispersos em obras coletivas ou periódicos para coletar qualquer informação disponível sobre o assunto, seja no intuito de formar profissionais da área e de analisar obras infantis e juvenis, seja por mero interesse pessoal acerca do tema. Aliás, Ana Maria Machado, no alentado artigo que elaborou a título de introdução do livro de Rui de Oliveira, apresenta com precisão o contexto em que se insere um lançamento desse tipo.

Esses dois livros foram contemplados com projetos gráfico-editoriais primorosos, que reproduzem belas ilustrações de inúmeras obras infantis e juvenis, exemplificando de forma harmoniosa as idéias discutidas nos textos dos ilustradores, seja no estudo individual de Rui de Oliveira, seja no caso da obra coletiva, em artigos assinados por renomados ilustradores como o próprio Rui de Oliveira, Odilon Moraes, Ciça Fittipaldi e Marilda Castanha, ou em sedutores depoimentos colhidos de Regina Yolanda, Angela Lago, Ricardo Azevedo, André Neves, Nelson Cruz e Rosinha Campos, entre tantos outros premiados ilustradores.

Não pode deixar de ser mencionado, para finalizar este balanço das obras teóricas sobre literatura infantil e juvenil publicadas em 2008, o lançamento de *Um imaginário de livros e leituras: 40 anos da FNLIJ*¹³⁶, coordenado por Elizabeth D'Angelo Serra e Gisela Zincone. Trata-se de uma obra fundamental, empenhada em preservar a memória de uma fundação cuja atuação tem sido decisiva no campo da literatura infantil e juvenil brasileira ao longo das últimas quatro décadas. Dificilmente será possível compreender em profundidade os subsistemas literários configurados pela literatura infantil e juvenil no Brasil, sem um exame acurado da trajetória da FNLIJ desde sua criação. O volume substantivo de informações e documentos aglutinados num volume realizado a muitas mãos tem exatamente esse propósito central: permitir o acesso a pesquisadores e interessados a um material dos mais estimulantes para entender os meandros e a complexidade dos mecanismos de produção, recepção e circulação do livro para crianças e jovens no país, em particular no que tange a grandes programas de fomento à leitura e a boa parte dos principais prêmios literários concedidos no setor, em nível nacional.

Que não apenas essa oportuna publicação, mas todo o conjunto significativo de obras teóricas lançadas ao longo de 2008 sirva de mote e convite para que, cada vez mais, nos debruçemos sobre esse universo tão rico e dinâmico constituído pela literatura infantil e juvenil que se produz e/ou circula hoje no país; que nos estimule a um esforço contínuo de análise e compreensão em profundidade desse objeto, de tal modo que possamos efetivamente contribuir para superar os impasses da sociedade brasileira no que diz respeito à formação de leitores.¹³⁷



NOTAS

- 1 A pesquisa apresentada neste artigo foi realizada por solicitação da Fundação SM, tendo sido divulgada no *Anuário sobre el libro infantil y juvenil* (Madrid: Ediciones SM, 2009), publicação regular da Fundação, empenhada em divulgar e refletir sobre a literatura infantojuvenil dos países em que tem sede, no caso, diversos países de língua espanhola e o Brasil.
- 2 Rio de Janeiro: Objetiva, 2007. 63 p.
- 3 *O filho eterno* de Cristovão Tezza (Rio de Janeiro: Record, 2007. 224 p.)
- 4 Segundo mostram os números da "Pesquisa Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro 2007" da Câmara Brasileira do Livro – CBL e do Sindicato Nacional de Editores de Livros – SNEL, na comparação com a literatura adulta, a literatura infantil e a literatura juvenil, consideradas juntas, quase se equiparam em número de títulos em circulação no mercado: 5.574 títulos da primeira contra 5.202 das outras duas. E quanto ao número de exemplares vendidos em 2007, o par literatura infantil/literatura juvenil supera a literatura adulta: 23.275.320 de exemplares vendidos contra 21.967.730. Vale ainda lembrar que o número de novos títulos lançados no âmbito da literatura infantil, 1.222, e no da literatura juvenil, 404, totalizando 1.626 novos títulos, é muito expressivo.
- 5 Como sabemos, campanhas em prol da leitura remontam à Primeira República, sem que até hoje se tenham conseguido resultados plenamente satisfatórios, ou seja, o de que grandes faixas da população não se vejam excluídas do universo letrado.
- 6 CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. *Ciência e Cultura*, v. 24, n.9, p.803-809, set.1972.
- 7 No ano de 2007, foram vendidos para o Governo, por intermédio do PNBE, 6.270.121 exemplares de livros, em sua absoluta maior parte obras de literatura infantil e juvenil, como informa a "Pesquisa Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro 2007".
- 8 Ilustrações de Elisabeth Teixeira. Rio de Janeiro: Manati, 2007. 32 p.
- 9 Ilustrações da Autora. São Paulo: Ática, 2007. 40 p.
- 10 Ilustrações de Martha Barros. Rio de Janeiro: Record, 2007. 16 p.
- 11 Rio de Janeiro: Objetiva, 2007. 248 p.
- 12 http://www.edicoessm.com.br/ver_noticia.aspx?id=10844 (site acessado em 03.01.2009)
- 13 E-mail recebido de Marisa Lajolo em 27.08.2008, com autorização para reprodução do texto na íntegra ou em fragmentos.
- 14 Ilustrações de Suppa. Erechim: Edelbra, 2007. 32 p.
- 15 Ilustrações de Weberson Santiago. São Paulo: Moderna, 2007. 72 p.
- 16 Para a análise da produção infantil e juvenil no Brasil em 2008, foram considerados cerca de 800 títulos lançados ao longo do ano, enviados a mim pelas editoras brasileiras, na condição de votante da FNLIJ. Trata-se de uma amostragem bastante expressiva, se considerarmos que o universo total de lançamentos do ano de 2007 foi de 1.626 títulos e que as editoras procuram enviar para exame a fatia mais nobre de sua produção, já que o objetivo da remessa é submeter as obras à avaliação para fins da premiação anual da FNLIJ.
- 17 São Paulo: Moderna, 2008. 96 p.
- 18 Rio de Janeiro: Pinakotheke, 2008.
- 19 Rio de Janeiro: Record, 2008. 314 p.
- 20 Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. 176 p.
- 21 São Paulo: Salesiana, 2008. 184 p.
- 22 Trata-se de volume que segue os passos do hoje já clássico *Missa do Galo – variações sobre o mesmo tema*, de Osman Lins e outros autores (São Paulo: Summus, 1977)
- 23 São Paulo: Ática, 2008. 128 p.
- 24 São Paulo: Ática, 2007. 120 p. [embora publicada no segundo semestre de 2007, esta obra circulou sobretudo no ano seguinte, em função da efeméride machadiana]
- 25 São Paulo: Escala Educacional, 2008. 40 p.
- 26 São Paulo: DCL, 2008. 40 p.
- 27 São Paulo: Scipione, 2008. 152 p.
- 28 São Paulo: Salesiana, 2008. 192 p.
- 29 Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2008. 176 p.
- 30 Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. 32 p.
- 31 São Paulo: Ática, 2008. 72 p.
- 32 Ilustrações de Eduardo Albini. Rio de Janeiro: Manati, 2008. 112 p.
- 33 Ilustrações de Andréia Resende. São Paulo: Paulus, 2008. 32 p.
- 34 Ilustrações de Alexandre Cartianu. São Paulo: Caramelo, 2007. 56 p.
- 35 Ilustrações de Maurício Veneza. São Paulo: Melhoramentos, 2007. 88 p.
- 36 Ilustrações de Marcelo Campos. São Paulo: Ática, 2008. 152 p.

- 37 São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 96 p.
- 38 Versão adulta: São Paulo: Planeta, 2007. 416 p.; versão juvenil: Ilustrações de Rita Bromberg Brugger. São Paulo: Planeta Jovem, 2008. 148 p.
- 39 São Paulo: SM, 2008. 144 p.
- 40 Ilustrações de Lúcia Hiratsuka. São Paulo: Salesiana, 2008. 176 p.
- 41 Ilustrações de Itsuo Nakashima. São Paulo: Melhoramentos, 2008. 36 p.
- 42 São Paulo: Peirópolis, 2008. 32 p.
- 43 Ilustrações de Janaina Tokitaka. Rio de Janeiro; Rocco Jovens Leitores, 2008. 88 p.
- 44 Ilustrações de Fernando Vilela. São Paulo: Escala Educacional, 2008. 48 p.
- 45 Ilustrações de Fernando Vilela. São Paulo: SM, 2008. 48 p.
- 46 São Paulo: Callis, 2008. 80 p.
- 47 São Paulo: Noovha América, 2008. 120 p.
- 48 Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- 49 Ilustrações de Graça Lima. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. 96 p.
- 50 Rio de Janeiro: José Olympio, 2008. 48 p.
- 51 Ilustrações de Fê. São Paulo: Iluminuras, 2008. 80 p.
- 52 Ilustrações do Autor. São Paulo: Moderna, 2008. 80 p.
- 53 Ilustrações do Autor. São Paulo: Moderna, 2008. 64 p.
- 54 Ilustrações do Autor. São Paulo: Moderna, 2008. 144 p.
- 55 Barueri: Manole, 2008. 32 p.
- 56 São Paulo: Scipione, 2008. 32 p.
- 57 São Paulo: Paulus, 2008. 48 p.
- 58 São Paulo: Ed. 34, 2008. 32 p.
- 59 São Paulo, Atual, 2008. 24 p.
- 60 Porto Alegre: Projeto, 2008. 28 p.
- 61 Ilustrações de Leandro Velloso. São Paulo: Ática, 2008. 88 p.
- 62 São Paulo: Moderna, 2008. 64 p.
- 63 Ilustrações do Autor. São Paulo: Melhoramentos, 2008. 48 p.
- 64 Ilustrações do Autor. São Paulo: Ática, 2008. 72 p.
- 65 Ilustrações de Angela-Lago. Belo Horizonte: RHJ, 2008. 56 p.
- 66 São Paulo: Letra Ilustrada, 2008, 64 p.
- 67 Ilustrações de Fábio Sgroi. São Paulo: Panda Books, 2008. 32 p.
- 68 Ilustrações do Autor. São Paulo: DCL, 2008. 38 p.
- 69 Imagens de Guto Lins. São Paulo: FTD, 2008. 32 p.
- 70 Ilustrações de Cris Eich. São Paulo; Ática, 2008. 176 p.
- 71 Opus cit., p. 170.
- 72 Ilustrações de Adrienne Allinari. São Paulo: Cosac Naify, 2008. 136 p.
- 73 São Paulo: Companhia das Letras, 2008. 96 p.
- 74 Ilustrações de Mariana Coan. São Paulo: Salesiana, 2008. 88 p.
- 75 Ilustrações de Branca Escobar. Belo Horizonte: Formato, 2008. 135 p.
- 76 São Paulo: SM, 2008. 336 p.
- 77 Ilustrações de Adams Carvalho. São Paulo: SM, 2008. 192 p.
- 78 Ilustrações de Gustavo Piqueira e e Samia Jacintho. São Paulo: FTD, 2008. 104 p.
- 79 Ilustrações de Gustavo Piqueira et alii. São Paulo: FTD, 2008. 104 p.
- 80 Ilustrações de Gustavo Piqueira e Samia Jacintho. São Paulo: Biruta, 2008. 200 p.
- 81 Ilustrações de Gustavo Piqueira e Samia Jacintho. São Paulo: Biruta, 2008. 88 p.
- 82 São Paulo: Moderna, 2008. 72 p.
- 83 Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2008. 120 p.
- 84 Ilustrações de Gustavo Piqueira e Samia Jacintho. São Paulo: Biruta, 2008. 120 p.
- 85 Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2008. 112 p.
- 86 Ilustrações de Gustavo Piqueira. São Paulo: Biruta, 2008. 112 p.
- 87 Ilustrações de Tatiana Sperhacke. Porto Alegre: Projeto, 2008. 80 p.
- 88 Sabará: Dubolsinho, 2008. 88 p.
- 89 São Paulo: Scipione, 2008. 72 p.
- 90 São Paulo: Moderna, 2008. 80 p.
- 91 Rio de Janeiro: Pallas, 2008. 40 p.
- 92 São Paulo: Brinque-Book, 2008. 36 p.
- 93 São Paulo: Paulinas, 2008. 48 p.
- 94 São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008. 48 p.
- 95 São Paulo: Brinque-Book, 2008. 60 p.
- 96 Rio de Janeiro: Globo, 2008. 80 p.
- 97 Curitiba: Positivo, 2008. 32 p.
- 98 São Paulo: Larousse do Brasil, 2008. 24 p.
- 99 Ilustrações de Marceo Gomes. São Paulo: Ática, 2008. 112 p.
- 100 Ilustrações da Autora. Belo Horizonte: Lê, 2008. 176 p.
- 101 São Paulo: Escala Educacional, 2008. 72 p.
- 102 São Paulo: Escala Educacional, 2008. 64 p.
- 103 São Paulo: Escala Educacional, 2008. 56 p.
- 104 São Paulo: Escala Educacional, 2008. 64 p.
- 105 Ilustrações de João Lin. São Paulo: Callis, 2008. 32 p.
- 106 Ilustrações de João Lin. São Paulo: Callis, 2008. 32 p.
- 107 Ilustrações de João Lin. São Paulo: Callis, 2008. 32 p.
- 108 São Paulo: Peirópolis, 2008. 96 p.
- 109 São Paulo: Panda Books, 2008. 120 p.
- 110 Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2008. 32 p.
- 111 São consideradas aqui basicamente as histórias em quadrinhos que se apóiam em matrizes literárias.
- 112 São Paulo: DCL, 2008. 80 p.
- 113 São Paulo: FTD, 2008. 32 p.
- 114 Belo Horizonte: RHJ, 2008. 24 p.
- 115 São Paulo: Panda Books, 2008. 32 p.
- 116 Rio de Janeiro: Rocco; Fio, 2008. 32 p.
- 117 Centro de Pesquisa e Estudo do Teatro Infantil – Rio de Janeiro (RJ)
- 118 Rio de Janeiro: Vertente Cultural, 2008. 38 p.
- 119 Rio de Janeiro: Vertente Cultural, 2008. 49 p.
- 120 Rio de Janeiro: Vertente Cultural, 2008. 47 p.
- 121 Há estudos importantíssimos e pioneiros como o de Cecília Meireles (*Problemas de literatura infantil*, 1959) e o de Leonardo Arroyo (*Literatura infantil brasileira: ensaio de preliminares para a sua história e suas fontes*, 1968) mas são produções isoladas e que configuram exceções no panorama da pesquisa exceções .
- 122 São Paulo: Ed. UNESP; Imprensa Oficial, 2008. 512 p.
- 123 São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis: ANEP, 2008. 256 p.
- 124 São Paulo: Paulinas, 2008. 232 p.
- 125 Blumenau: Nova Letra, 2008. 176 p.
- 126 Assis: ANEP; São Paulo: Ed. UNESP, 2008. 280 p.
- 127 São Paulo: Paulinas, 2008. 184 p.
- 128 Imperatriz: Alma de Artista, 2007. 312 p. [embora conste da ficha catalográfica o ano de 2007, o livro foi lançado apenas em 2008]
- 129 São Paulo: Paulinas, 2008. 184 p.
- 130 Porto Alegre: Nova Prova, 2008. 226 p.
- 131 São Paulo: Peirópolis, 2008. 240 p.
- 132 Curitiba: IBPEX, 2007. 176 p. [obra lançada em 2008, apesar de registrar ISBN de 2007]
- 133 Goiânia: Cãnone, 2008. 272 p.
- 134 Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. 176 p.
- 135 São Paulo: DCL, 2008. 216 p.
- 136 Rio de Janeiro: FNLIJ, 2008. 418 p.

Biblioteca

Esta listagem finaliza os títulos dos livros publicados em 2009, enviados para a Biblioteca FNLIJ.

ARVOREDO O pirata Barba Ruiva. Manoel Arthur Villaboim. Il. Cárcamo.

AUTÊNTICA Cibercultura e formação de professores. Maria Teresa de Assunção Freitas (org.) **Educação do campo: desafios para a formação de professores.** Maria Isabel Antunes-Rocha, Aracy Alves Martins (orgs.). **Formação continuada de docentes da educação básica: construindo parcerias.** Ângela Imaculada Loureiro de Freitas Dalben, Maria de Fátima Cardoso Gomes (orgs.). **Gêneros textuais e comunidades discursivas: um diálogo com John Swales.** Bernadete Biasi-Rodrigues, Júlio César Araújo, Socorro Claudia Tavares de Sousa (orgs.). **História, região & globalização.** Afonso de Alencastro Graça Filho. **Inclusão escolar: conjunto de práticas que governam.** Maura Corcini Lopes, Morgana Domênica Hattge (orgs.). **A juventude vai ao cinema.** Inês Assunção de Castro Teixeira, José de Sousa Miguel Lopes, Juarez Dayrell (orgs.). **Negritude: usos e sentidos.** Kabengele Munanga. **Sujeitos da educação e processos de sociabilidade: os sentidos da experiência.** Leônico Soares, Isabel de Oliveira e Silva (orgs.)

AUTÊNTICA; CEAL Alfabetização e língua portuguesa: livros didáticos e práticas pedagógicas. Maria da Graça Costa Val (org.). **Avaliação do texto escolar: pro-**

fessor-leitor/aluno-autor. Vários autores. **Construtivismo: grandes e pequenas dúvidas.** Maria das Graças de Castro Bregunci **AYMARÁ Gramática: passado, presente e futuro.** Marcos Bagno. **A linguagem publicitária dirigida à criança e ao adolescente.** Ivone Ceccato

BIRUTA O mistério da ilha de D. João VI. Ana Cristina Massa.

COMPANHIA DAS LETRINHAS João e Maria. Hervé Le Goff. Trad. Eduardo Brandão. Engenharia de papel Camille Baladi. **O lobo e os sete cabritinhos.** Nathalie Choux. Trad. Eduardo Brandão. Engenharia de papel Camille Baladi. **O mais sensacional atlas do mundo todo por Ideias-Brilhantes.** Simon Adams. Trad. Augusto Pacheco Calil. Il. Lisa Swerling e Ralph Lazar.

COSAC NAIFY - Rabiscos: um livro gigante para pintar e desenhar: Taro Gomi. Taro Gomi. Trad. Diogo Kaupatez.

EDITORA 34 A arte de ler, ou, Como resistir à adversidade. Michèle Petit.

EdUFMG Ciência na tela: experimentos no retroprojektor. Alfredo Luis Mateus, Débora d'Ávila Reis, Helder de Figueiredo e Paula

GLOBAL É hoje! Graça Lima. Il. Graça Lima.

J. OLYMPIO Coisas de menino. Eliane Ganem. Il. Jayme Leão.

LAROUSSE Os três cães negros. Elisabeth Teixeira. Il. Elisabeth Teixeira. **Rosita Maria Antonia Martins da Silva.** Ana Terra. Il. Ana Terra.

MODERNA Conflitos do mundo: um panorama das guerras atuais. Nelson Baccic Olic e Beatriz Canepa

NOOVHA AMÉRICA Autobiografia de um bichorro. Miriam Portela. Il. Simone Matias. **Monstruosidades.** Elias José. Il. Jefferson Galdino. **A nuvem e a duna.** Christina Oiticica. **A revolução cubana.** Juliana Dalla. Il. Ariane Soares. **Que ignorância!** Tatiana Belinky. Il. Toni D'Agostinho. **Limeriques para pinturas.** Tatiana Belinky. Il. Dalmau.

PAULINAS Na tessitura dos signos contemporâneos. Maria Zilda da Cunha.

PEIRÓPOLIS Muitas coisas, poucas palavras: a oficina do professor Comênio e a arte de ensinar e aprender. Francisco Marques (Chico dos Bonecos). Direção musical Estevão Marques. Il. Silvia Amstalden.

PRUMO A história de Chico Mendes para crianças. Fatima Reis. Il. Simone Matias. **Tem rebuliço no Pantanal.** Elba Gomes e Luciene Gomes. Il. Luciene Gomes.

ROCCO Hera. Sabina Colloredo. Trad. Marta Fondelli. Il. Antongionata Ferrari. **Profundezas.** Roderick Gordon e Brian Williams. Trad. Ryta Vinagre.

Abrelivros, Agência Literária Riff, Agir, Aletria, Artes e Ofícios, Ática, Autêntica, Barsa Planeta Internacional, Berlendis, Bertrand Brasil, Biruta, Brinque-Book, Callis, CBL, Centro da Memória da Eletricidade no Brasil, Ciranda Cultural, Companhia das Letrinhas, Companhia Editora Nacional - IBEP, Cortez, Cosac Naify, DCL, Dimensão, Doble Informática, Duna Duetto, Edelbra, Ediouro, Editora 34, Editora do Brasil, Escala Educacional, Elementar, Florescer, FTD, Fundação Casa Lygia Bojunga, Girafinha, Girassol Brasil, Global, Globo, Guanabara Koogan, Iluminuras, Imperial Novo Milênio, Jorge Zahar, José Olympio, Jovem, Larousse do Brasil, Lê, Littere, L&PM, Manati, Manole, Marcos da Veiga Pereira, Martins Editora, Mazza, Melhoramentos, Mercuryo Jovem, Moderna, MR Bens, Mundo Mirim. Nova Alexandria, Noovha América, Nova Fronteira, Objetiva, Pallas, Panda Books, Paulinas, Paulus, Peirópolis, Pinakotheke Artes, Planeta do Brasil, Positivo, PricewaterhouseCoopers, Projeto, Prumo, Record, RHJ, Ridell, Rocco, Roda Viva, Rovel, Salamandra, Salesianas, Saraiva, Scipione, SM, SNEL, Studio Nobel, Uni Duni, WMF Martins Fontes, Zit.

EXPEDIENTE Fotolito e Impressão: PricewaterhouseCoopers • Editor: Elizabeth D'Angelo Serra • Redação: Volnei Cunha Canônica – CONRERP-RS 2291 e Ana Paula Brucker da Silva • Revisão: Lucília Soares • Diagramação: Zero Produções • **Gestão FNLIJ 2008-2011** • **Conselho Curador:** Alexandre Martins Fontes, Carlos Augusto Lacerda, Laura Sandroni, Luiz Alves Junior, Sonia Machado Jardim, Suzana Sanson. **Conselho Diretor:** Gisela Pinto Zincone, (Presidente), Ísis Valéria Gomes e Alfredo Gonçalves. **Conselho Fiscal:** Henrique Luz, Marcos da Veiga Pereira e Terezinha Saraiva. Suplentes: Jorge Carneiro, Mariana Zahar Ribeiro e Regina Bilac Pinto **Conselho Consultivo:** Alfredo Weiszflog, Ana Ligia Medeiros, Annete Baldi, Beatriz Hetzel, Cristina Warth, Eduardo Portella, Eny Maia, Ferdinando Bastos de Souza, Jefferson Alves, José Alencar Mayrink, José Fernando Ximenes, Lilia Schwarcz, Lygia Bojunga, Maria Antonieta Antunes Cunha, Paulo Rocco, Propício Machado Alves, Regina Lemos, Rogério Andrade Barbosa, Sílvia Gandelman e Wander Soares • **Secretária Geral:** Elizabeth D'Angelo Serra.

Associe-se à FNLIJ e receba mensalmente Notícias.

Tel.: 21 2262-9130

e-mail: fnlij@fnlij.org.br

www.fnlij.org.br

Apoio:

PRICEWATERHOUSECOOPERS 

Rua da Imprensa, 16 - 12º andar cep: 20030-120 Rio de Janeiro - Brasil Tel.: (0XX)-21-2262-9130 Fax: (0XX)-21-2240-6649 E-mail: fnlij@fnlij.org.br

IMPRESSO